

Perfis jornalísticos de anônimos: a experiência do Projeto Labjorn

MARIA DO SOCORRO VELOSO¹
ARTHUR DE OLIVEIRA ROCHA²
TAHIANE MACÊDO JOSUÉ³

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



RESUMO

Inspirado na experiência de jornalistas como Eliane Brum e Ricardo Kotscho, o Projeto Labjorn, do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mantém a seção Personagens, dedicada a perfis de homens e mulheres anônimos. Neste artigo, objetiva-se apresentar as experiências desenvolvidas na seção, com ênfase para o Relato do Repórter - espaço que comporta reflexões escritas pelos estudantes ao final de cada reportagem. O intuito desses relatos é desvelar impressões, dificuldades e emoções vividas pelos futuros jornalistas no processo de apuração e redação das histórias de vida. A metodologia inclui análise de conteúdo dos depoimentos escritos pelos alunos e publicados na página do Labjorn.

PALAVRAS-CHAVE

Reportagem. Jornalismo Literário. Perfis. Labjorn.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e professora adjunta do curso de Comunicação Social – Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora dos grupos Pragma (UFRN) e Alterjor (USP). Coordenadora do Projeto Labjorn. E-mail: socorroveloso@uol.com.br.

² Estudante de graduação (7º semestre) do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do grupo de pesquisa Pragma (UFRN). Bolsista do Projeto Labjorn. E-mail: arthurd.oliveira@hotmail.com.

³ Estudante de graduação (9º semestre) do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do grupo de pesquisa Pragma (UFRN). Bolsista do Projeto Labjorn. E-mail: tahiane.mj@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Por trás de um texto jornalístico há sempre muitas escolhas. Escolhas que podem ir desde uma ação aparentemente trivial como o emprego de verbos *dicendi*, até o modo como o conteúdo é hierarquicamente ordenado pelo repórter e editado na página. O jornalista seleciona acontecimentos e dá sentido a eles, o que basta para tornar ultrapassados conceitos como neutralidade e imparcialidade. Contudo, é preciso que mantenha-se na busca pelo que considera veracidade dos fatos, antes mesmo da verossimilhança, em seu trabalho.

Eliane Brum lembra que isenção e objetividade “se colocam para o jornalista como um ideal que deve ser perseguido, mas que jamais será atingido por completo. Nossa simples presença – ou decisão de fazer uma reportagem – já altera a realidade sobre a qual vamos escrever” (BRUM, 2008, p. 419).

Uma das escolhas que o jornalista faz, no dia-a-dia, é de personagens cujas histórias ajudem a compreender causas e consequências de acontecimentos transformados em notícia. Pois, como ensina Tomás Eloy Martinez, uma das tarefas do bom jornalista é descobrir, onde antes havia um fato, “o ser humano que está atrás desse fato”:

[...] as notícias melhor contadas são aquelas que revelam, através da experiência de uma só pessoa, tudo o que é preciso saber. Isso não se pode fazer sempre, é claro. É preciso primeiro investigar qual é o personagem paradigmático que poderia refletir, como um prisma, as luzes cambiantes da realidade. Não se trata de narrar por narrar. Alguns jovens jornalistas crêem, às vezes, que narrar é imaginar ou inventar, sem perceber que o jornalismo é um ofício extremamente sensível, onde a mais ligeira falsidade, o mais ligeiro desvio, pode fazer pedaços na confiança que se foi criando no leitor durante anos.

Muitos desses personagens presentes nos relatos jornalísticos não são celebridades televisivas, do esporte ou da política; tratam-se de anônimos com rotinas e problemas comuns aos leitores. Ainda assim, e justamente por isso, podem despertar profunda identificação com aqueles que leem suas histórias.

Na imprensa brasileira contemporânea, nomes como Eliane Brum e Ricardo Kotscho são reconhecidos pela qualidade dos relatos nos quais afloram personagens cuja riqueza biográfica permaneceria no desconhecimento do público, não fosse a disposição desses jornalistas em ouvir o que tinham a dizer. Brum costuma afirmar que a vida de qualquer anônimo é mais interessante do que a do mais afamado herói, enquanto Kotscho lembra que muitas vezes, durante a apuração de uma matéria, “você vai levantar um assunto e descobre alguém com uma história tão boa que deve ser destacada da matéria principal” (KOTSCHO, 2007, p. 43).

Repórter e personagem tornam-se, portanto, cúmplices na construção da matéria, como enfatiza Eliane Brum. “Nos reconhecemos. Eu era a repórter em busca de um personagem. Ele era o personagem em busca de alguém que contasse sua história. Toda reportagem é um encontro. É algo especial. E a gente sabe quando acontece” (BRUM, 2008, p. 150).

97

2 PROJETO LABJORN

Inspirado na experiência de jornalistas como Brum e Kotscho, o Projeto Labjorn (Laboratório de Redação Jornalística), iniciado há três anos pelo curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mantém a seção Personagens, dedicada ao perfil de anônimos dispostos a relatar suas histórias de vida. Neste artigo, objetiva-se apresentar as experiências desenvolvidas na seção, com ênfase para o “Relato do Repórter” - espaço editorial que

comporta reflexões escritas pelos estudantes ao final de cada perfil⁴. O intuito desses relatos é desvelar impressões, dificuldades e emoções vividas pelos futuros jornalistas no processo de apuração e redação das histórias de pessoas anônimas.

O Labjorn almeja a inserção dos alunos-repórteres na realidade constituída além do “mundo noticiado” de que fala Carlos Chaparro. A intenção é experimentar novas possibilidades para o relato do mundo real, o que pode se dar pelo encontro com personagens cujas histórias permitem o reconhecimento do outro em sua complexidade - o que é impossível de ocorrer em uma entrevista reduzida a segundos para um telejornal ou amarrada pelas famigeradas “aspinhas” em duas ou três linhas de uma notícia impressa.

Depois de escrever os perfis, os estudantes são convidados a falar sobre a própria prática ao final de cada matéria, no Relato do Repórter. Eles contam detalhes dos encontros com seus perfilados; falam das limitações, dificuldades e das emoções que vivenciaram; fazem autocrítica e relatam episódios pitorescos.

A iniciativa de pedir esses depoimentos aos estudantes é inspirada nas experiências realizadas por Eliane Brum, Ricardo Kotscho, Ricardo Noblat e Gay Talese, jornalistas que frequentemente refletem sobre suas atividades, compartilhando essas percepções em livros, colunas de jornal e revista, e na internet. Apesar de serem profissionais com grande experiência e gozarem de prestígio público, eles também admitem dificuldades em suas pautas. Não raro, falam dos dilemas que enfrentam em determinadas abordagens, da insegurança ao entrevistar certas fontes, dos conflitos surgidos na produção das matérias, e até da preocupação com o *deadline*.

⁴ O Projeto Labjorn funciona em parceria com a Agência Fotec, do curso de Comunicação Social da UFRN (www.fotec.ufrn.br). Os perfis escritos pelos alunos, bem como os relatos, estão disponíveis em http://www.fotec.ufrn.br/index.php?option=com_content&view=category&id=13&Itemid=44.

3 SUPORTE TEÓRICO E METODOLOGIA

Na seção Personagens, os alunos são convidados a escrever perfis jornalísticos e relatos inspirados nas técnicas que aproximam o jornalismo da literatura, a fim de romper com a rigidez dos formatos tradicionais. Buscam pessoas anônimas, mas com uma boa história para contar. Trata-se de um estilo que encontra repercussão nos textos escritos por Eliane Brum para a revista *Época* (Editora Globo). No livro "O olho da rua" (2008), a jornalista reúne reportagens que podem ser lidas "por qualquer pessoa que goste de histórias tão reais que parecem inventadas. E também para estudantes de jornalismo que tenham tantas dúvidas sobre a melhor forma de exercer a profissão como eu sempre tive – e sigo tendo" (BRUM, 2008, p. 15).

"O olho da rua" é composto por textos escritos entre 1998 e 2008, para *Época*. As reportagens são seguidas de um relato, uma espécie de *making off*, no qual a jornalista descreve os bastidores da apuração, mas, especialmente, os sentimentos que experimentou no processo: "Para cada reportagem há uma reflexão sincera, vísceras à mostra, sobre o que fiz e o que vivi – como repórter, como gente" (BRUM, 2008, p. 14).

No caso dos relatos escritos pelos estudantes de Jornalismo da UFRN, a intenção é tirá-los da zona de conforto, visto que precisam pensar criticamente sobre o resultado de suas reportagens antes da publicação. Espera-se que esse tipo de reflexão possa resultar em aprendizado coletivo, a despeito do incômodo que eventualmente venha a provocar.

Em "A prática da reportagem", Kotscho lembra que o bom repórter deve ouvir as fontes sem preconceitos, pois é a sensibilidade do repórter quem deve ditar o enfoque. "Preparar perguntas e levantar os pontos polêmicos que serão tratados na matéria é o início do trabalho. Mas o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo" (KOTSCHO, 2007, p. 42).

Para a realização deste estudo foram analisados relatos de 33 perfis publicados na seção Personagens, criada no primeiro semestre de 2010. A princípio, a escrita dos relatos era atividade facultativa, passando a ser considerada parte do processo de avaliação no primeiro semestre de 2011.

A partir dos recursos oferecidos pela técnica da análise de conteúdo, as reportagens e seus respectivos relatos foram lidos e analisados separadamente, para que se pudesse extrair passagens que ilustrassem este artigo, relacionando-as com a experiência de jornalistas que costumam refletir publicamente sobre a própria prática.

Analisados em conjunto, os relatos foram contabilizados em uma tabela com categorias escolhidas pelos pesquisadores por serem pontos convergentes que se repetiam na produção dos discentes. As categorias foram: *deadline*; relacionamento com a fonte; origem da pauta; emoção; dificuldades gerais; e "pauta B".

100

4 LEVANTAMENTO E ANÁLISE E DADOS

Os perfis selecionados reúnem histórias de jovens e velhos, homens e mulheres, flagrados nas mais diferentes situações e condições sociais. São histórias engraçadas, contundentes, e/ou curiosas, que comovem, surpreendem e levam à reflexão. São histórias da vida real, da vida que ninguém vê, como propõe Eliane Brum.

A partir do levantamento dos 33 perfis e seus respectivos relatos, postados entre outubro de 2011 e janeiro de 2012, procedeu-se a uma categorização que conduziu aos seguintes resultados:

Categorias		Quantidade
Deadline	Sem preocupações com deadline	23
	Terminou a matéria em cima do deadline	09
	Ultrapassou o deadline	00
Relacionamento com a fonte	Já conhecia a fonte	13

	Conheceu a fonte através da entrevista	13
Origem da pauta	Pauta sugerida por terceiro	04
	Pauta encontrada na rua	05
	Pauta já conhecida do repórter	11
Emoção	Sentimento do repórter	24
	Sentimento do entrevistado	09
	Opinião do repórter	12
	Autocrítica	06
Dificuldades gerais	Pauta edificante/construtiva	12
	Timidez/insegurança do repórter	09
	Dificuldade para fonte conceder entrevista/foto	03
	Dificuldade para marcar entrevista	05
"Pauta B"	Decidir/fechar a pauta	06
	Repórter usou primeira ideia de pauta	20
	Pauta A caiu e repórter fez a matéria com pauta B	09

4.1 DEADLINE

Os tão conhecidos prazos curtos a que são submetidos os profissionais de comunicação não angustiam apenas jovens repórteres. Praticar jornalismo é lidar diariamente com a pressão do *deadline*. Como diz Noblat (2008, p. 29), jornalista "gosta de trabalhar contra o relógio – e esta é uma de suas virtudes e um dos seus graves defeitos". Apesar dos prazos para os estudantes serem bem mais extensos na sala de aula do que seriam em uma redação, é recorrente, nos relatos, aqueles que citam a preocupação com o prazo final da matéria, decorrente do atraso no fechamento da pauta, na apuração, redação ou revisão:

Fiquei em pânico quando o prazo para entregar a matéria estava para se esgotar. Minha casa estava em reforma e fiquei praticamente presa à "fiscalização" das obras. Não tive o que fazer a não ser confiar que minha fonte realmente aceitaria me conceder a entrevista (Michelle Oliveira, 9 jan. 2012).

Eu tinha um dia para apurar e escrever a matéria – o menor prazo que tive em um ano e meio de curso -, e estava morrendo de medo da pauta cair ou não render.

As minhas duas primeiras já tinham sido derrubadas (Nadjara Martins, 4 out. 2011).

Eliane Brum lembra que, dependendo da pauta, prazos de fechamento podem ficar sujeitos a uma série de variáveis. “Quatro dias na Amazônia são um nada. As distâncias são enormes, difíceis, a natureza impõe respeito. E o tempo da cidade ou o *deadline* da redação são uma sandice que eles nem compreendem” (BRUM, 2008, p. 36).

Alguns repórteres dizem recorrera proteção superior para enfrentar a pressão do tempo e buscar soluções:

Depois de um tempo, resolvi dar mais chances à minha antiga pauta. No entanto, meu entrevistado não apareceu entre os cajueiros dos canteiros na Avenida Prudente de Moraes. Restando-me pouco tempo para cumprir com o *deadline* imposto pela professora, resolvi fazer o sinal da cruz, pegar o bloquinho e caneta e ir para a segunda proposta. “E se ele não quiser?”, pensava. Felizmente, consegui marcar a entrevista em cinco minutos, agendada para aquele mesmo dia (Felipe Araújo, 21 dez. 2011).

102

Até mesmo jornalistas experientes como Gay Talese, vez por outra se veem pressionados pelo temido *deadline*, como conta nessa passagem de sua autobiografia:

Depois de datilografar e redatilografar meu artigo – acabei dois minutos antes do prazo – ditei-o pelo telefone do meu quarto de hotel pra um dos transcritores do departamento de notícias do Times em Nova York. Como sempre acontecia, estava insatisfeito com o que tinha escrito, desejando ter tido mais tempo para entrevistar pessoas, refazer meu texto e pensar em palavras mais adequadas para descrever o que eu tinha visto (TALESE, 2009, p. 184).

4.2 AS FONTES

O bom repórter, independente da editoria na qual trabalhe, precisa manter boas fontes. E se saber mantê-las é fundamental, Eliane Brum considera que o envolvimento é indispensável: “Às vezes me perguntam: você se envolve com as suas fontes? É óbvio que sim. A gente não entra na vida dos outros impunemente (ainda bem)” (BRUM, 2008, p. 152). Essa proximidade está evidenciada no relato da estudante Nadjara Martins:

Acho que a realidade me chocou – me chocou mais do que deveria, porque agora me sinto estranhamente vinculada a essas desconhecidas. Caiu qualquer ideia mínima que me restasse sobre essa tal “objetividade” que os velhos manuais pregam tanto (Nadjara Martins, 4 out. 2011).

Em 13 dos 33 relatos analisados, os estudantes informaram já conhecer o personagem. Noutros 13, disseram ser a fonte uma pessoa desconhecida até o momento da entrevista. E sete não informaram se já tinham contato ou não com o entrevistado. Mas muitos dos anônimos eram conhecidos dos repórteres apenas superficialmente, como se pode perceber neste depoimento:

No dia que tive para falar com ela, não houve dificuldades. Já conhecia Cilene e sempre tive carinho especial por ela. Só não conhecia sua vida de forma detalhada, o que me fez gostar ainda mais de sua maneira de ser. A conversa rendeu boas risadas e tive de censurar um pouco suas palavras, pois Cilene, como dizemos popularmente, é sem papas na língua (Michelle Oliveira, 9 jan. 2011).

O fato de já conhecer a fonte e saber como lidar com ela, bem como a facilidade para encontrar um local onde fosse possível realizar uma boa entrevista, é abordado pela estudante Alessandra Albuquerque:

Naquele dia decidi: ele seria meu entrevistado. Como nos víamos com certa frequência, não foi um entrevistado problemático, e nossa conversa foi bem aberta, no churrasco de um amigo em comum. Queria que todos os entrevistados fossem assim, próximos. A vida de repórter fica mais fácil (Alê Albuquerque, 15 dez. 2011).

Escrever um perfil exige muito mais do que extrair aspas do entrevistado. O personagem é o foco da matéria e a entrevista precisa de profundidade. São jornalistas em busca de um personagem e personagens com uma rica história de vida esperando por alguém que as reporte.

4.3 A PAUTA

No que diz respeito à pauta, foram analisados basicamente dois aspectos: a origem (se sugerida por terceiros, se foi ideia do próprio repórter, ou se o estudante saiu nas ruas à procura do perfilado) e o sucesso da pauta (se a ideia original deu certo ou se foi necessário recorrer a uma pauta reserva, um “plano B”).

Dos 33 relatos, quatro informaram ter recebido sugestão de terceiros, cinco encontraram a pauta na rua, 11 fizeram a matéria sobre um assunto de seu conhecimento e 13 não apresentaram informações quanto à origem da pauta. O número de repórteres que fez a matéria com a primeira ideia de pauta foi 20; nove buscaram uma segunda opção; e quatro não relataram se a pauta foi executada de primeira ou se recorreram a um plano B.

Noblat (2008, p. 149) é incisivo quando o assunto é a busca pela pauta: “quanto aos repórteres, o lugar deles não é na redação. É nas ruas atrás de notícias desconhecidas”. Para Kotscho, da mesma forma, a rua ainda é o melhor lugar para encontrar suas histórias:

Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia. Muitas vezes quando ficávamos sem assunto, o

veterano fotógrafo Gil Passarelli e eu saíamos sem pauta nenhuma, sem destino certo – e não me lembro de termos voltado algum dia sem assunto (KOTSCHO, 2009, p. 12).

Compartilhando a ideia de Kotscho e Noblat, de que lugar de repórter é na rua, o estudante Anderson Santos conta que foi buscar seu personagem na praia mais conhecida de Natal:

Procurando por um personagem para um perfil, resolvi caminhar pela orla de Ponta Negra, sem dúvida um bom lugar para encontrar alguém interessante. Era fim de tarde quando cheguei à praia e iniciei minha caminhada. Olhava para todas as pessoas que encontrava pelo caminho, tentando encontrar um perfil diferente. Não queria idosos, moradores de rua ou ambulantes, pois é deles que vem a maioria dos perfis. Queria alguém que se destacasse (Anderson Santos, 15 dez. 2011).

Assim como fez o estudante, procurar um personagem diferente ou dar novo enfoque a um assunto recorrente na mídia é estratégia de repórteres com anos de experiência, como Eliane Brum. Ela conta em “O olho da rua”: “Não havia uma pauta, ainda. Fui encarregada de fazer uma reportagem sobre a pobreza. Comecei a pensar no que poderia dizer que já não houvesse sido dito, em como olhar para um mal crônico, tema clássico da literatura e do cinema, de outro ângulo” (BRUM, 2008, p. 148-149).

Outra opção que os repórteres encontraram para conseguir suas pautas foi recorrer a sugestões de amigos e familiares, como se pode notar neste depoimento:

Conseguir um personagem para este trabalho foi uma complicação. Sem saber o que fazer, perguntei à minha mãe se ela conhecia alguém interessante. Foi quando ela me falou do seu colega de sala, Freud. Então lembrei que é realmente uma figura. Conseguir contatá-lo foi um pouco difícil. Minha mãe disse até que eu deveria procurar outra pessoa, mas depois que me contou sobre a experiência de Freud na selva, eu não

queria que fosse outra pessoa (Yuli Barros, 10 jan. 2012).

Já o estudante Felipe Araújo utilizou as mídias sociais – que hoje pautam jornais, TV's, rádios - para encontrar seu personagem:

Quando vi que minha antiga pauta ia cair, não tive outra: fui em busca de uma nova. Como estava na internet, resolvi apelar. *Twitter*: "Se você conhece alguém interessante que nunca foi noticiado e que tem uma boa história de vida pra contar, favor, entrar em contato". Para minha felicidade, responderam: "Aquele homem que trabalha comigo na CAERN, o que ressuscitou, não é interessante? Se aquilo não é história de vida, então não sei o que é". Pois bem, resolvi anotar a sugestão (Felipe Araújo, 21 dez. 2011).

Um dos fatores que mais afligem qualquer repórter é a possibilidade de ver sua pauta "cair" (ou seja, não dar certo). Essa preocupação apareceu em nove relatos de repórteres que tiveram de apelar para o chamado "plano B":

Dia comum de aula, e sou surpreendida com fato de ter de fazer um perfil. Logo pensei: "Como?" Comecei a perguntar a todos se conheciam alguém com uma história interessante, mas desconhecida. Na verdade, saber é fácil, todos sabem, mas resgatar a pessoa é o difícil. Veio-me à cabeça um homem de família muito humilde, cego, com claras dificuldades. Eu acompanhava sua história desde criança. Esta pauta caiu. Apesar de o candidato ao perfil ficar bastante interessado, não queria demonstrar sua realidade (Kádyja Alves, 21 dez. 2011).

Mas o fato de a pauta "cair" pode ser positivo em alguns casos. E há também situações em que o repórter tem de se utilizar do chamado faro jornalístico para decidir, entre duas histórias em potencial, a que será contada naquele momento:

Fazer uma reportagem com pauta definida algumas vezes é apaixonante. Ganhar um ótimo tema de mão beijada é três vezes mais. E foi assim que aconteceu comigo. Havia planejado uma pauta totalmente diferente, mas conheci um personagem brilhante em uma simples visita a um *stand* de imobiliária (Lucas Alencar, 26 dez. 2011).

4.4 EMOÇÃO

Nos relatos dos jovens repórteres, frequentemente foram encontradas expressões de sentimentos experimentados durante a produção do perfil. Por essa razão foi criada a categoria “Emoção”, que contabilizou 24 citações nas quais o repórter expressou sentimentos; nove em que expôs sentimentos demonstrados pelo entrevistado; 12 recorrências de opiniões acerca da profissão, do trabalho do repórter, do Projeto Labjorn e da pauta/matéria; seis em que os estudantes fazem críticas ao próprio desempenho; e 12 em que consideram a pauta/matéria como edificante, construtiva, do ponto de vista pessoal e profissional.

Eliane Brum costuma descrever suas emoções nos relatos dos bastidores das reportagens que escreve. Sobre a matéria “A casa de velhos”, escrita para a revista *Época* e integrante da coletânea “O olho da rua”, Brum afirma ter experimentado sentimentos de culpa. “Quando finalmente deixei aquela casa de velhos, senti culpa por sair. Parecia uma traição. E tive um estranhamento quase absurdo do mundo de fora” (BRUM, 2008, p. 126-127).

Como resultado dos perfis que escreveram, os repórteres podem se sentir tímidos, satisfeitos, preocupados, receosos, felizes, realizados, esperançosos, abalados, emocionados, gratos, lastimosos, desanimados. Eles descrevem em seus relatos como se envolveram na história de seus personagens e os momentos em que esses sentimentos afloraram:

Quando cheguei em casa, comecei a escrever e confesso que a cada palavra digitada no computador eu reproduzia em minha mente as cenas das histórias contadas por Salvino. A todo instante eu sentia uma profunda melancolia seguida de angústia, mas isso foi mudando quando percebi que José Salvino não carregava em si nenhuma mágoa da vida e nem das pessoas (Tamires Oliveira, 10 jan. 2012).

Atendi Suzana conforme o habitual. Pensei se tratar de qualquer coisa, menos a notícia do falecimento de Djalma. Me abalei, mas não hesitei, tinha que escrever algo sobre o óbito. Chorei. Difícil encontrar as palavras certas. Escreve, apaga, até conseguir concluir. Concluo. Um minuto de silêncio (Elane Moreira, 21 dez. 2011).

Mas não é só o repórter que aparece nos relatos expressando emoções. Em alguns fragmentos, os estudantes falam sobre a reação de seus personagens durante as entrevistas:

Foi quando ele me disse que tinha medo de avião. Pensei: certamente, ninguém sabe disso. De repente, Seu Raul falou com afago dos seus bonecos-filhos. Seu Raul nem Raul se chama. E Seu Raul adora escutar o Raul Seixas (Kassandra Lopes, 26 dez. 2011).

108

Outro ponto observado e recorrente foram os repórteres utilizando o Relato do Repórter para apresentar opiniões que não cabiam expor no perfil, como neste fragmento: “o exercício do jornalismo literário é uma janela para enxergar as muitas histórias de vida à nossa volta” (Márcio Araújo, 9 jan. 2012). Outro exemplo é da estudante Jamaika Lima:

Posso falar que foi o melhor trabalho do semestre, pelo menos o mais prazeroso. O estilo da escrita também ajudou um pouco, livre daquelas amarras do texto noticioso, maior liberdade de colocar no texto um pouco do nosso descuido textual proposital, enfim. Acho que a maior contribuição dessa atividade foi fazer com que eu me interessasse mais por essa vertente do jornalismo (Jamaika Lima, 21 dez. 2011).

Espera-se que o *making off* das reportagens amplie a qualidade do aprendizado, pois permite ao estudante pensar sobre o que foi feito, como poderia ter sido feito, o que pode ser melhorado. É nesse ponto que entra a autocrítica, praticada por Eliane Brum no relato de uma reportagem sobre parteiras do Amapá. “Não há nada que justifique ter deixado passar um parto feito pela parteira mais antiga do Amapá, uma índia caripuna de 96 anos, por causa de alguns dias e de uma entrevista com a Roseana Sarney (nada pessoal). Então, errei” (BRUM, 2008, p.37). A autora de “O olho da rua” nos ensina que não só os jovens repórteres estão sujeitos a erros durante o processo de produção de reportagens. “A casa de velhos é uma de minhas reportagens preferidas – e é a que mais me dói. Ainda hoje ela dói muito. Porque errei feio” (BRUM, 2008, p. 124).

Ricardo Noblat também costuma dar espaço à autocrítica: “se me satisfaz, o ato de escrever também me tortura. Nunca gosto do que escrevo. E do modo como escrevi” (NOBLAT, 2008, p. 92).

Na seção Personagens, seis repórteres fizeram críticas a si mesmos. Foi o caso de Yuli Barros:

Fui a Fortaleza, no sábado e acabei por não ter tempo de terminar o perfil. As oito cansativas horas de viagem de volta me fizeram chegar e ir logo para a cama. No dia seguinte terminei de escrever, minutos antes da entrega, mas com um sentimento de que poderia e deveria ter me dedicado mais (Yuli Barros, 10 jan. 2012).

Para nos valermos da máxima de Kotscho, segundo a qual é preciso “informar para transformar”, analisamos nos relatos se a pauta/matéria foi construtiva para o repórter iniciante. Doze relatos sugeriram que a produção do perfil gerou um sentimento de transformação, como no exemplo a seguir:

Fui ao encontro do padre e acabei aprendendo algumas lições durante nossa conversa: a ter calma, que os caminhos iriam se abrir; a enfrentar as dificuldades porque parte do sucesso também depende de nós; e também a não interromper a entrevista – durante a conversa senti tonturas, mas agi como se nada estivesse acontecendo para não quebrar o ritmo da entrevista – essa sem dúvida foi a mais difícil de todas. Mas consegui, e a tempo (Juliana Albano, 21 dez. 2011).

Uma das intenções da seção Personagens é dar visibilidade a histórias de vida de anônimos; outra é permitir ao repórter que, percebendo o outro em suas nuances, possa crescer como profissional, como cidadão. Brum analisa esse processo de aprendizado contínuo. “Algumas vezes, essa relação intensa vivida entre repórter e personagem se encerra no fim da matéria. E o que vivemos juntos transforma repórter e personagem, mas os caminhos não se cruzam mais” (BRUM, 2008, p. 152).

110

4.5 DIFICULDADES GERAIS

No que tange às dificuldades dos alunos no processo de produção da reportagem, há problemas desde o fechamento da pauta, passando pela apuração até a redação do texto. A apuração envolve uma série de habilidades a serem desenvolvidas pelo repórter e, para um iniciante, algumas tarefas podem parecer bem mais complicadas.

Comentando os bastidores da reportagem “A casa de velhos”, Eliane Brum também relata suas dificuldades como repórter: “A composição dessa reportagem foi delicada, escrevi e reescrevi várias vezes. Sofri. E quando todo o processo acabou eu estava dilacerada” (BRUM, 2008, p. 130).

Entre as dificuldades recorrentes citadas pelos alunos estão: fechar a pauta (presente em 6 relatos), o agendamento de entrevistas (5), dificuldade de a fonte conceder entrevista ou foto (3)

e a timidez ou insegurança do repórter iniciante (9). Jornalistas lidam diariamente com uma multiplicidade de fontes. Algumas estão dispostas a dar informações, outras tornam a tarefa mais difícil:

Quando comecei a fazer perguntas ele ficou um pouco tímido por estar diante de alguns colegas e disse que não iria mais participar. Senti um frio percorrendo a coluna vertebral e carregando um desânimo que fez minha caneta ir ao chão. Esperei os rapazes irem embora e voltei a conversar com Serafim. Consegui convencê-lo a me deixar fazer seu perfil (Daísa Alves, 21 dez. 2011).

Às vezes, a procura pela pauta certa, a dificuldade de contatar um entrevistado ou problemas com equipamentos prejudicam o andamento da reportagem mais do que o *deadline* permitiria:

No que diz respeito à linguagem jornalística, a falta de tempo dificultou o processo de apuração, já que “torrei” praticamente todo o *deadline* à procura de uma história interessante, e, como se trata de um anônimo, é complexo fazer essa escolha (Márcio Araújo, 9 jan. 2012).

Gay Talese lembra que, muitas vezes, o processo de apuração pode ser bastante exaustivo, porém é necessário que os fatos sejam apurados com o máximo de profundidade:

Já gastei semanas negociando entrevistas com pessoas recalcitrantes que, quando finalmente resolveram falar comigo, nada revelaram de interessante. Já viajei centenas e milhares de quilômetros seguindo pistas que por fim não me levaram a parte alguma. Das informações que recolho de pessoas, 80% terminam na cesta de lixo. Ainda assim, eu não teria conseguido descobrir os 20% úteis sem abrir caminho através dos outros 80%, que acabam virando lixo (TALESE, 2009, p. 59-60).


Em “A arte de fazer um jornal diário” (2008), Ricardo Noblat conta as dificuldades para produzir uma reportagem que tinha foco

no personagem – no caso, Frei Damião. O acontecimento era o velório do frade. Noblat relata: “tive pouco tempo para pensar em como escrever a notícia. Gastei mais de uma hora imaginando o primeiro parágrafo. E só pensei no último quando a vez dele chegou” (NOBLAT, 2008, p. 131).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de apuração jornalística envolve artifícios que podem, muitas vezes, parecer obstáculos para os jovens repórteres. Mas a imersão na história de anônimos incentiva o repórter a olhar de forma mais humanizada para seus personagens, tomando-os não como meras fontes de informação, mas como seres humanos cujas histórias merecem ser contadas. Neste sentido, o laboratório de perfis jornalísticos traz para o estudante a oportunidade de realizar um texto mais minucioso, decorrente de apuração mais detida e aprofundada.

As vivências e histórias comovem, chocam e encantam os jovens repórteres. Isso porque, como ensina Ricardo Kotscho, para ir a fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar é preciso, antes de tudo, conhecê-lo bem. Esse é o grande desafio do estudante de Jornalismo ao receber a missão de produzir um perfil. O envolvimento com o personagem é essencial. Sem entender a história de vida da fonte, o repórter não pode contá-la bem.

Consideramos que a produção dos perfis jornalísticos e a reflexão sobre a prática no Relato do Repórter permitem ao estudante lançar um segundo e renovado olhar sobre o personagem que emergiu. Faz com que o jovem jornalista entenda o valor de contar uma boa história, e especialmente, que possa de fato reconhecer o entrevistado em sua complexidade e profundidade – elemento fundamental para o pleno exercício do jornalismo. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura na vida real. São Paulo: Globo, 2008.

CHAPARRO, Carlos. **Ideias para um novo jornalismo impresso**. Disponível em: <<http://www.oxisdaquestao.com.br>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINEZ, Tomás Eloy. **Crônica e reportagem: em busca de um jornalismo para o século XXI**. Disponível em: <<http://prof.reporter.sites.uol.com.br/eloymartinez.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008.

TALESE, Gay. **Vida de escritor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.